

Transparência e espetáculo em *O Olho da rua* de, Eliane Brum / *Transparency and spectacle in O Olho da rua, by Eliane Brum*

Luzenira Alves dos Santos^{1*}

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária do Centro Universitário Campos Andrade, onde desenvolve pesquisa sobre a vida e obra de Lima Barreto e literatura brasileira contemporânea. Especialista Bibliotecária documentalista.

 <https://orcid.org/0009-0000-4924-3212>

Camila Marchioro^{2**}

Doutora em Letras pela UFPR. Atualmente é professora no Programa de Pós-graduação em Teoria Literária da Uniandrade e atua na linha de pesquisa Políticas da Subjetividade com projetos relacionados à lusofonia, escrita de viagem, deslocamentos e conexão entre Brasil/América Latina e Índia.

 <https://orcid.org/0000-0002-4667-6773>

Recebido em: 28 mai. 2024. **Aprovado em:** 20 set. 2024.

Como citar este artigo: SANTOS, L A.; MARCHIORO, C. Transparência e espetáculo em *O Olho da rua* de, Eliane Brum. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 13, n. 1, 2024, p. e2687, out. 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.13824931>

RESUMO

Este artigo visa analisar a obra *O Olho da Rua*, (2017) de Eliane Brum, a partir de uma discussão sobre as crônicas-reportagem “Casa dos Velhos” e “Um país chamado Brasilândia”. Composto por textos provenientes de reportagens realizadas ao longo de uma década, o livro da escritora gaúcha transita entre a crônica, a reportagem e o ensaio, explorando as vivências de personagens reais em diversas regiões do Brasil. A autora, acompanhada de fotógrafos, registrou os dilemas, dores e descobertas de indivíduos ligados a um espaço específico, ao mesmo tempo em que também refletiu sobre sua própria jornada pessoal. A análise aqui proposta busca dialogar com teóricos como Antonio Candido, Walter Benjamin, Byung-Chul Han e Paula Sibília, destacando os pontos de convergência entre a crônica-reportagem de Brum e os conceitos de “sociedade da transparência” e de “espetáculo da intimidade”, de Han e Sibília, respectivamente. A análise focaliza a pressão pela exposição constante e os efeitos negativos da padronização das experiências individuais. As crônicas-reportagem de Brum ressaltam a importância de repensar os limites da privacidade e a ética da representação na era da cultura do espetáculo.

PALAVRAS-CHAVE: Crônicas-reportagem; Crítica literária; Sociedade da transparência; Espetáculo da intimidade

ABSTRACT

This article aims to analyze the book "O Olho da Rua", written in 2007 by Eliane Brum, based on a discussion about the chronicle-reports "Casa dos Velhos" and "Um país chamado Brasilândia". Composed of texts made from reports

 luzenbib@gmail.com

 camila.marchioro@gmail.com

carried out over a decade, the book written by the Brazilian writer born in the state of Rio Grande do Sul, moves between a chronicle, a report and an essay, exploring the experiences of real characters in several Brazilian regions. The author, together with photographers, recorded the dilemmas, pains, and discoveries of individuals linked to a specific space, while also reflecting over her own personal journey. The analysis proposed here seeks to engage in a dialog with theorists such as Antonio Candido, Walter Benjamin, Byung-Chul Han and Paula Sibilia, highlighting the convergence points between Brum's chronicle-report and the concepts of the "society of transparency" and the "spectacle of intimacy" by Han and Sibilia, respectively. The analysis focuses on the pressure due to constant exposure and the negative effects of the standardization of individual experiences. Brum's chronicle-reports highlight the importance of rethinking the limits of privacy and the ethics of representation in the era of the spectacle culture.

KEYWORDS: *Literary criticism; Chronicle-report; Society of transparency; Spectacle of intimacy*

1 Introdução

Eliane Brum iniciou sua carreira jornalística no *Zero Hora*, após vencer um concurso universitário. Em 1998, recebeu o convite de Marcelo Rech para escrever uma coluna de crônicas baseadas em eventos reais da vida cotidiana. A coluna “A vida que ninguém vê” obteve reconhecimento, sobretudo ao receber o Prêmio Esso Regional Sul de Jornalismo, em 1999, marcando sua trajetória como uma grande cronista no cenário nacional. Posteriormente, as crônicas foram compiladas no livro homônimo, laureado com o Prêmio Jabuti 2007 de melhor livro-reportagem (Miranda, 2021, p, 16-17).

O Olho da Rua (2007), livro aqui analisado, manifesta de modo particular a veia literária da renomada repórter-cronista. Suas crônicas/reportagens combinam trechos narrativos em primeira e terceira pessoa, compondo uma ampla coletânea de textos jornalísticos produzidos em diversas regiões do Brasil. No ano de 2017, deu-se então a publicação da segunda edição do livro, contendo as dez extensas reportagens elaboradas ao longo da primeira década do século XXI, acrescidas de uma reflexão da autora sobre sua experiência: “Para cada reportagem há uma reflexão honesta, tripas à mostra sobre o que fiz e o que vivi – como repórter, como gente” (Brum, 2017, p. 14).

Eliane Brum, natural do Rio Grande do Sul, autocaracteriza-se como uma repórter em busca da literatura da vida real, o que destaca o aspecto artístico-literário de sua atividade e escrita como jornalista. Atualmente estabelecida na cidade de Altamira, no Estado do Pará, Eliane escolheu essa localidade como base para explorar os diversos cenários da autenticidade humana, buscando inspiração para retratar a vida e a essência da comunidade ribeirinha do Norte do Brasil.

A autora também se autodenomina “escutadeira”, uma vez que percorre o país para ouvir/olhar as vozes da população:

Olhar significa sentir o cheiro, tocar as diferentes texturas, perceber os gestos, as hesitações, os detalhes, apreender as outras expressões do que somos. Metade (talvez menos) de uma reportagem é o dito, a outra metade o percebido. Olhar é um ato de silêncio (Brum, 2006, p. 191).

Seu trabalho aborda os dilemas, dores e descobertas dos entrevistados, ao mesmo tempo em que reflete sobre sua própria jornada pessoal à luz desses relatos. Sua perspectiva pode ser vista como marcada pelo olhar perspicaz do cronista, uma vez que, conforme assinalado por Antonio Candido:

Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitada. Ela [a crônica] é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas. (Candido, 2003, p. 14).

Portanto, o texto de Eliane Brum traz elementos inerentes ao ensaio, à reportagem e à crônica, tornando-se um híbrido desses gêneros. Nesse sentido, *O Olho da Rua* traz como subtítulo, não a esmo, *em busca da literatura da vida real*, lançando o leitor para um lugar em que nuances entre literatura e reportagem se esfumaçam. Conforme Candido caracteriza a crônica, Brum foca em aspectos da vida cotidiana, capturando momentos ordinários e transformando-os em algo extraordinário através de sua escrita habilidosa. O seu olhar está voltado para encontrar o literário no *rês-do-chão* da vida, pois, para o cronista: “tudo é vida, tudo é motivo de experiência e reflexão” (Candido, 2003, p. 95).

Em *Literatura e Sociedade*, Antonio Candido apresenta considerações sobre a relação entre o jornal e a crônica e afirma que “Todos sabem [...] a influência decisiva do jornal sobre a literatura, criando gêneros novos, como a chamada crônica” (Candido, 2006, p. 43), nesse sentido observamos que, inserida no meio jornalístico, a obra de Brum se desenvolve dentro do contexto da crônica, uma vez que a autora não se limita apenas a relatar fatos, mas também se põe a refletir sobre suas próprias experiências e percepções e se preocupa com o aspecto literário da realidade. Ao mergulhar nas páginas de seus textos, reconhecemos a atmosfera íntima e reflexiva onde as

nuances do cotidiano ganham vida por meio de uma linguagem cuidadosamente elaborada que revela o real e aquilo que é digno de se reportar em jornal.

Portanto, considerando que “a crônica é amiga da verdade e da poesia e que busca revelar a grandeza, a beleza e a singularidade nos detalhes aparentemente insignificantes da vida cotidiana” (Candido, 2003, p. 14), nota-se que Brum – ao explorar em seus textos os dilemas e descobertas dos entrevistados e refletir sobre sua própria jornada pessoal –, contribui para a dimensão literária de sua própria escrita: “Quis fazer um livro para ser lido por qualquer pessoa que goste de histórias tão reais que parecem inventadas” (Brum, 2017, p. 14).

Assim, em *O Olho da Rua*, aqui considerado em sua segunda edição, destacam-se textos como: “A floresta das parteiras”, “A guerra do começo do mundo”, “A casa dos velhos”, “O homem estatística”, “O povo do meio”, “Expectativa de Vida: 20 Anos” e “Um país chamado Brasilândia”.

O início de “A floresta das parteiras” revela a veia literária de Eliane: “Elas nasceram do ventre úmido da Amazônia, do norte extremo do Brasil, do estado ainda desgarrado do noticiário chamado Amapá” (Brum, 2017, p. 19). Já “A guerra do começo do mundo” é seguida pelo ensaio “A delícia e a dor de ser repórter”, relato cujo início nos transporta de imediato ao universo da crônica e da confissão: “Aconteceu do jeito que as coisas não costumam acontecer. Eu estava acabrunhada, numa noite de fechamento, sentindo aqueles calafrios que costumam acometer repórteres em crise de abstinência de viagem” (Brum, 2017, p. 62). Em “A casa dos velhos”, a autora tem um trabalho minucioso com a escrita, revelando os sentimentos dos idosos com que conviveu durante a elaboração da reportagem. A abertura do texto nos leva para o universo das histórias “tão reais que parecem inventadas”, pois nos sentimos de pronto diante do início de uma ficção, no justo momento em que as personagens são apresentadas. Tal trabalho com a linguagem impulsiona o texto, sobretudo quando recordamos que o que temos diante de nós é o relato de histórias reais. Eis aí força da crônica enquanto elemento participativo da reportagem: “De repente eles chegaram lá, diante do portão de ferro da casa de velhos. A vida inteira espremida numa mala de mão” (Brum, 2017, p. 77). Nessa crônica-reportagem, a autora pede desculpas pela “traição e covardia” (Brum, 2017, p. 113) de ter transformado a vida de pessoas em um espetáculo.

Já “O homem estatística” aborda a condição de invisibilidade experimentada pelo indivíduo diante da estrutura social na medida em que este é reduzido a uma mera cifra desprovida de identidade e significado intrínseco. O relato se abre com a força do “rés-de-chão” para o qual a crônica tem olhar aguçado: “Hustene Alves ficou pobre quando descobriu que não poderia mais

comprar nem biscoito recheado, leite condensado, refrigerante [...]. Entre ele e as promessas dos anúncios da televisão se instalara um abismo” (Brum, 2017, p. 117).

Na sequência, encontra-se “O povo do meio”, em que a autora discorre sobre a dicotomia entre a pobreza material e a pobreza de aspirações, explorando as complexas interações entre esses dois aspectos do fenômeno da privação socioeconômica. “O povo do meio” é uma crônica-reportagem sobre outros invisíveis, indivíduos residentes em regiões remotas, inseridos no seio florestal que os acolhe, e que se encontram frequentemente desprovidos de recursos e capacidades para salvaguardar o ambiente de invasões perpetradas por grileiros ou mesmo pela própria intervenção estatal. Carentes de documentação e acesso a instrução formal, tais habitantes subsistem de maneira improvisada, utilizando-se de estratégias adaptativas para enfrentar as adversidades do cotidiano.

Mães que enfrentam a perspectiva angustiante da morte prematura de seus filhos, vendo-se compelidas a adquirir caixões a prazo em virtude da consciência de que seus descendentes dificilmente ultrapassarão a marca dos vinte anos de vida, são o objeto de “Expectativa de Vida: 20 Anos”, a qual, por sua relevância e impacto, é seguida por três ensaios subsequentes: “O Sobrevivente”, “Mães Vivendo com uma Geração Fadada à Morte” e “Testemunhos”. Paralelamente, destaca-se “Coração de ouro”, que mostra garimpeiros cujas trajetórias se desenrolam em incessantes jornadas em busca de ínfimas quantidades de ouro. Homens que, deixando para trás suas vidas pregressas, embarcam em uma busca incansável pela riqueza na lendária Serra Pelada, um local que, apesar de ter sido glorificado nas representações cinematográficas, revela-se, na realidade, como um cenário de desolação e desespero: “a gente é acostumado com pouco, a gente se conforma” (Brum, 2017, p. 217). Estes homens vivem a beira da morte diante da violência que os assola constantemente: “Fui cercado por uns 12 homens armados com revólveres, rifles e espingardas, não tive chance, me obrigaram a mostrar a grota rica” (Brum, 2017, p. 217). Seguem-se ainda outras crônicas como: “Um país chamado Brasilândia”, “O inimigo sou eu” e “Vida até o fim”.

Certas crônicas-reportagem da obra exemplificam a maneira como a narrativa literária pode ser entrelaçada com teorias críticas, oferecendo um olhar profundo e multifacetado sobre a realidade social brasileira. Desse modo, o engajamento com o pensamento teórico de Walter Benjamin, Antonio Candido, Fransesco Careri e Byung-Chul Han se manifesta em diferentes pontos ao longo da leitura. Embora não se pretenda realizar aqui uma análise crítica exaustiva das

crônicas presentes na obra, busca-se identificar, em determinados trechos, aspectos da realidade narrada que possam dialogar com as diversas perspectivas teóricas escolhidas.

2 A crônica-reportagem de Eliane Brum: entre narrar e reportar

Antonio Candido, em *A Vida ao Rés-do-Chão* (2003), argumenta que a crônica não se insere entre os gêneros maiores da literatura uma vez que o cronista não atinge a mesma grandeza dada aos romancistas, dramaturgos e poetas. Todavia, segundo Candido, ser menor é justamente a virtude do gênero. Ao analisar as crônicas de Eliane Brum, observa-se uma íntima conexão com o “rés-do-chão”, precisamente por seu teor ser enraizado na vivência cotidiana, aspecto que se alinha com a visão de Candido ao afirmar “Graças a Deus – seria o caso de dizer, porque sendo assim ela [a crônica] fica perto de nós” (Candido, 2003, p. 89).

Essa característica de ser menor e de estar perto de nós é o que, no caso das crônicas de Eliane Brum, traz profundidade e conexão com o leitor. A abordagem pelo viés da reportagem mesclada ao literário não só permite ao leitor mergulhar no texto de maneira descomplicada, como também abre portas para a reflexão, uma vez que as crônicas-reportagem são baseadas em experiências reais. Habilmente escritas, as crônicas de Eliane Brum não proporcionam um espaço para devaneios ou escapismo, pois retratam problemas e dramas genuínos, vividos por pessoas reais. Desse modo, é interessante pensar na própria crônica como um texto que pelo “fato de ficar tão perto do dia-a-dia age como quebra do monumental e da ênfase” (Candido, 2003, p. 89). Aqui, Candido ressalta natureza próxima e tangível do gênero.

A realidade retratada nas crônicas de Brum é palpável, pois se desenrola nos múltiplos Brasis que coexistem dentro de um cenário de injustiças, fome e descaso, ao mesmo tempo em que apresenta retratos inspiradores de luta pela vida e sobrevivência, de sucessos e fracassos. É essa identificação com as narrativas vivas e autênticas que atrai o leitor, por se aproximar de um cotidiano partilhado: “A gente não está só escutando palavras, a gente está escutando toda a complexidade desse momento. Eu acho que isso é que faz a diferença. O nosso trabalho é escutar mesmo” (Brum, 2011, p. 310-311).

Nesse sentido, a profundidade das crônicas de Eliane Brum revela-se ainda mais significativa quando consideramos as reflexões de Davi Arrigucci Jr. sobre o gênero em

Fragmentos sobre a Crônica (2001). Segundo o crítico, a crônica transcende o mero relato do cotidiano para se tornar uma forma de expressão que capta a essência da experiência humana em todas as suas nuances e contradições. Ao explorar os diversos Brasis, Brum não apenas documenta realidades vividas, mas também lança luz sobre aspectos da condição humana. Nas crônicas de Brum, a injustiça, a fome e o descaso social se entrelaçam com histórias de esperança, resistência e superação, formando um panorama complexo e multifacetado da sociedade brasileira, o que exemplifica a visão de Arrigucci Jr. da crônica como um espaço de reflexão e interpretação da vida cotidiana, onde as histórias individuais se entrelaçam com questões sociais mais amplas.

A obra *O Olho da Rua*, composta por crônicas-reportagem duradouras, não almejava essa longevidade; inicialmente escritas exclusivamente para publicação na revista *Época*, estavam prontas para serem substituídas por novas reportagens no dia seguinte. No entanto, ao serem publicadas em livro, essas crônicas adquirem uma nova dimensão, assumindo uma responsabilidade ampliada, pois passam a estar constantemente em circulação e atraindo um público que busca não apenas informação, mas também uma forma mais refinada e abrangente de literatura. Esse processo, como observado por Antonio Candido ainda em *A Vida ao Rés-do-Chão*, destaca a importância da crônica como um gênero literário significativo, capaz de proporcionar uma perspectiva única sobre a realidade e de cativar os leitores com sua capacidade de entretenimento e reflexão. Assim, as crônicas-reportagem de Eliane Brum se inserem no que Arrigucci Jr. (2001) observa ser o melhor aspecto do gênero: transcender sua forma inicial para se tornar uma expressão literária enraizada na experiência humana e na complexidade da sociedade contemporânea. Na crônica-reportagem intitulada “A Floresta das Parteiras”, as protagonistas são mulheres que se autodenominam “pegadoras de crianças”, concebendo tal atividade como aguardar o momento do nascimento, conforme articulado por elas mesmas: “Pegar menino é esperar o tempo de nascer” (Brum, 2017, p. 21). Essa crônica-reportagem retrata as singularidades do Brasil distante, das vastas águas do Norte e dos rios abundantes, assim como das mulheres resilientes que habitam essas regiões. O texto apresenta com minúcia histórias de indivíduos que internalizaram sua missão por meio da transmissão de conhecimentos ao longo de várias gerações maternas, desde mães, avós e bisavós, perpetuando essa tradição ao ensinar suas filhas, netas e gerações futuras:

Encarapitadas em barcos ou tateando caminhos com os pés, lá estão a índia Dorica, a cabocla Jovelina, e a quilombola Rossilda. São guias de uma viagem por mistérios transportados de geração para geração em palavras que se inscrevem no mundo sem se escrever. Cruzam com Tereza e as parteiras indígenas do Oiapoque. Unidas todas elas pela trama de nascimentos documentados pelas marcas na palma das mãos. (Brum, 2017, p. 20)

Na crônica, o processo de aprendizagem e a transmissão intergeracional de conhecimento se baseiam predominantemente na oralidade, dado que não há registro em livros, cadernos ou gravações. São tradições que se perpetuam em um contexto onde recursos médicos estão distantes. Desse modo, a difusão dessas tradições se dá por meio de narrativas orais, contadas ao longo dos rios por mulheres que se integram à natureza. O ofício em questão é exclusivamente feminino, sendo a parteira encarada como uma figura cuja missão transcende a esfera da modernidade e das tecnologias. Segundo o olhar da cronista, a mulher é convocada para “povoar o mundo” nas horas noturnas: “parteira não tem escolha, é chamada nas horas mortas da noite para povoar o mundo” (Brum, 2017, p. 20). Desse modo, como expresso por Walter Benjamin em *Experiência e pobreza* (1987, p. 114), reflete-se a visão de que a felicidade reside não na acumulação de riquezas, mas sim no cumprimento do trabalho e na própria experiência de cada um. Portanto, essas parteiras desempenham sua missão com satisfação, percorrendo as regiões do norte do Brasil e perpetuando essa prática essencial à comunidade.

Diante do exposto, é pertinente refletir sobre a contemporaneidade marcada pela presença avassaladora da tecnologia, que preenche o cotidiano com livros digitais, computadores de última geração e dispositivos móveis com capacidades de transmissão avançadas, de modo que se observa uma mudança significativa na transmissão de conhecimentos e experiências. Conforme abordado por Walter Benjamin em *Experiência e Pobreza*, o empobrecimento na transmissão de experiências aponta para uma perda na capacidade de comunicar e transmitir ensinamentos através das narrativas tradicionais: “[...] uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem” (Benjamin, 1994, p.115).

Nesse contexto, “A Floresta das Parteiras” emerge como uma expressão de resistência a esse processo de empobrecimento da experiência em uma sociedade que não sabe esperar:

A voz de Dorica, a mais velha parteira da floresta, ecoa em cada mulher quando sentencia: ‘É o tempo que faz o homem, e não o homem que faz o tempo. Parto é mistério. E menino, a gente nunca arranca. Só recebe’” (Brum, 2017, p. 32).

As parteiras retratadas persistem ao compartilhar suas histórias, explicar seu ofício e transmitir seu conhecimento para as gerações mais jovens utilizando a linguagem oral como meio de comunicação. Essa prática vai ao encontro do cenário descrito por Benjamin, evidenciando a singularidade dessas comunidades que preservam suas tradições mesmo diante dos avanços tecnológicos e das mudanças sociais.

No entanto, é crucial reconhecer que essas tradições estão em constante ameaça. Ao serem alcançadas pela modernidade, essas comunidades correm o risco de terem seus costumes, memórias e experiências tradicionais substituídas ou mesmo destruídas: “A roda se desfaz e as parteiras pegam a barca para singrar os rios da fronteira do Brasil. Vão atender a um chamado que só elas escutam” (Brum, 2017, p. 32). Esse processo de sobreposição do homem pela técnica, conforme discutido por Benjamin (1994), representa um desafio para a preservação dessas tradições e para a continuidade da transmissão de conhecimentos fundamentais para a identidade cultural dessas comunidades. O teórico reflete sobre perda da experiência como algo ligado à crescente incapacidade humana de narrar, um processo que se desdobrou gradualmente à medida que a sociedade evoluiu e passou por transformações. Benjamin ainda sugere que essa *morte* da capacidade narrativa se dá à medida que as experiências comunicáveis vão se extinguindo ao longo do tempo. Nesse sentido, a cultura contemporânea passou a ser percebida como efêmera e influenciada pelo ritmo acelerado do capitalismo com sua lógica mercantilista, na qual nada parece se fixar. Essa perspectiva ressalta um grande dilema: para que uma experiência genuína ocorra, é necessário certo grau de permanência, um tempo dedicado a seu desfrute, vivência e descoberta. Benjamin (1994) associa esse aspecto à ideia de uma *cultura de vidro*, na qual nada se fixa. Além disso, o autor sugere que o vidro, pela sua frieza e sobriedade, coaduna-se ao modo como a cultura atual se organiza: não há espaço para a construção de experiências significativas e duradouras. Entretanto, nascida do contexto da efemeridade, paradoxalmente, é uma crônica que nos relembra da força das tradições orais. Assim, é a narração escrita moderna de Brum (nas páginas efêmeras dos jornais e, depois, consolidada em livro) que, a seu modo, salvaguarda uma experiência antiga de narração oral.

3 Transparência, narração e espetáculo

A crônica intitulada “Casa dos Velhos” é fruto de uma reportagem realizada no ano de 2001, na qual a autora, mediante entrevistas e convivência direta, explora o cotidiano de pessoas idosas residentes em uma instituição de acolhimento que ela opta por denominar *asilo*. Ao longo de uma semana de imersão nesse ambiente, Brum coleta informações sobre as vivências, emoções e aspirações de pouco mais de uma dezena de idosos. O texto destaca a realidade deles, muitos dos quais foram obrigados a deixar suas casas sem sequer poder se despedir, inseridos em “uma sociedade que só dá valor a juventude” (Brum, 2017, p.78). A narrativa aborda também a angústia da situação na qual filhos, prometendo retornar em breve, nunca mais voltam para buscar seus pais, deixando-os à espera constante diante do portão da instituição, em uma espécie de expulsão do mundo. Conforme expresso por um dos moradores, “Se o mundo não é perigoso para todos, para os velhos torna-se um campo minado” (Brum, 2017, p. 83), a frase revela os desafios e vulnerabilidades enfrentados por essa parcela da população. A casa é dividida entre zona sul e zona norte, ou seja, os que pagam e os que não pagam. Entre tantos personagens, o que emerge é a solidão. Apesar de estarem rodeados por outros residentes e cuidadores, a sensação de solidão persiste, destacando a desconexão emocional que pode surgir mesmo em meio à multidão. O silêncio, nesse contexto, torna-se não apenas a ausência de ruído, mas também uma metáfora para a falta de conexão e comunicação significativa, aprofundando ainda mais a sensação de isolamento emocional: “Eu conheço a vida desta casa inteirinha, então acredito que estou sozinho no meio da multidão. E fico escutando o silêncio” (Brum, 2017, p. 86). Trata-se de um texto denso e detalhado sobre vidas que estão alheias aos acontecimentos do lado de fora. A reportagem revela a tristeza de casais que, depois de 60 anos vivendo juntos, encontram-se separados em diferentes pavilhões. A velhice, segundo a crônica, é “onde finalmente a hipocrisia tornou-se desnecessária”, onde o fingimento é descartável.

Nessa crônica-reportagem temos os residentes da instituição inseridos em uma realidade distinta, portanto alheios aos ruídos e agitações da sociedade, até que, de forma repentina, são retratados por Brum na reportagem que expõe publicamente sua privacidade a leitores de diversas faixas etárias. Sobre esse caso, a própria autora, anos mais tarde, manifestaria remorso, chegando a redigir um ensaio no qual se desculpa pela abordagem invasiva.

Observando a exposição trazida pela veiculação das histórias no jornal, é possível estabelecer um paralelo com as reflexões de Paula Sibilía em *O Show do Eu: A Intimidade como*

Espectáculo (2008, primeira edição), onde se discute a transformação da intimidade ao longo do tempo. A autora argumenta que, em épocas passadas, a intimidade podia ser vivida sem ser exposta às curiosidades alheias, enquanto que, na atualidade, a vida privada pode ser facilmente convertida em espetáculo. Na crônica “A Casa dos Velhos”, Brum expõe publicamente os sentimentos, pensamentos, dilemas, ilusões e desilusões das pessoas idosas que, por sua vez, prefeririam manter sua intimidade resguardada, como ela própria relata em seu pedido de desculpas:

Eu levei sua voz ao mudo de fora, mas os expus. Eu os tratei como personagens de ficção, não como gente real. Eles se ouviram falando de sonhos eróticos, de ardores noturnos, de confinamento. E tiveram que viver com isso, encontrando-se no dia seguinte pelos corredores da casa [...] constrangidos (Brum, 2017, p. 112).

Nesse caso, o caráter híbrido do gênero crônica (entre realidade e ficção, entre jornal e livro) – destacado pela própria autora – e sua vinculação a um meio de comunicação em massas acabam por revelar o problema do espetáculo da intimidade. A vida cotidiana, simples e desprovida de glamour (tão cara aos cronistas), aqui se torna o centro de atenção e isso tem um impacto profundo na vida daqueles que não buscam a exposição de si mesmos. O que antes era considerado privado e reservado para o âmbito pessoal, agora é disseminado publicamente, sem o consentimento ou desejo das pessoas envolvidas. Esse fenômeno evidencia a crescente invasão dos limites da privacidade individual pela esfera pública, resultando em uma violação da autonomia e da dignidade das pessoas retratadas. A transformação da intimidade em espetáculo expõe os indivíduos a uma vulnerabilidade injusta e desnecessária, minando a autenticidade e a integridade de suas experiências pessoais:

Além de constituir um requisito básico para desenvolver o eu, o ambiente privado também era o cenário onde transcorria a intimidade. E era precisamente nesses espaços onde se engendravam, em pleno auge da cultura burguesa, os relatos de si. [...] mas algo parece estar mudando também nesse terreno: a curiosidade despertada pela vida cotidiana das pessoas consideradas comuns tem aumentado muito nos últimos anos, fazendo com que esses depoimentos pessoais sejam cada vez mais valorizados em certas regiões do saber, que neles se debruçam à procura de preciosos tesouros de sentido. (Sibilia, 2016, p. 86-87)

A citação de Paula Sibilia aponta para uma mudança significativa no cenário da intimidade dada a valorização crescente dos relatos pessoais em certas áreas do conhecimento, como no caso das reportagens-crônica presentes em *O Olho da Rua*. O contexto que origina a polêmica em torno de “A Casa dos Velhos” sugere que, embora o ambiente privado tenha sido tradicionalmente um refúgio para a expressão íntima e pessoal, atualmente, a crescente curiosidade pelo cotidiano alheio está levando à exposição pública de narrativas que antes seriam consideradas privadas. Essa transformação traz à tona questões éticas e morais sobre os limites da privacidade e a ética da representação na era da crescente cultura do espetáculo. Nesse diálogo com Sibilia, pode-se observar que o espetáculo da vida privada dos idosos não é voluntário e tampouco provocado por si, mas é uma apropriação de suas histórias, pelo que a própria autora se desculpa anos mais tarde.

Quando essa reportagem-crônica se destaca como uma das mais premiadas de Brum, evidencia-se o interesse do público pelas histórias privadas e pelos depoimentos pessoais apresentados. Este reconhecimento é notável mesmo considerando que a obra foi publicada durante os anos 2000, período anterior à popularização das redes sociais, quando a maioria das leituras ainda era feita em jornais e revistas impressas. Isso sugere que, mesmo em uma época em que os meios de comunicação eram mais limitados e a disseminação da informação era mais lenta, o envolvimento do público com narrativas intimistas e pessoais já era considerável. Apesar da controvérsia, a premiação da reportagem-crônica ressalta a habilidade da autora em capturar a essência das experiências humanas e em apresentá-las de maneira cativante e envolvente. Já a decepção dos idosos ao verem sua intimidade exposta mostra uma reação à cultura contemporânea da exposição constante, na qual a vulnerabilidade é frequentemente vista como uma fraqueza por quem a vivencia e, ao mesmo tempo, pode ser usada como moeda por quem se apropria de suas narrativas.

De acordo com Byung-Chul Han (2017), em sua obra *A Sociedade da Transparência* (2012, primeira edição), a sociedade contemporânea é caracterizada por uma busca incessante pela positividade, onde a exposição de uma imagem perfeita e livre de problemas é valorizada. Esta visão é reforçada com o contexto abordado em “A Casa dos Velhos”, no qual os idosos expressam desconforto diante da publicidade de seus momentos de tristeza, preferindo que suas vidas continuassem sem a exposição de suas vulnerabilidades e dificuldades.

A análise de Han sobre a sociedade da transparência ressalta a pressão social para manter uma aparência positiva e otimista, especialmente nas plataformas de mídia social e na cultura contemporânea da exposição constante. Isso cria um cenário em que as pessoas se sentem compelidas a esconder suas fragilidades e a exibir apenas uma versão idealizada de si mesmas para o mundo exterior. Han argumenta que, ao contrário das sociedades disciplinares descritas por Foucault, onde o poder se exercia através da vigilância e da repressão, na sociedade atual predomina a transparência, que se manifesta principalmente por meio das redes sociais e da cultura da exposição pública. Segundo o autor, nessa sociedade transparente, todos são chamados a se expor, compartilhar e participar ativamente, criando uma ilusão de felicidade e sucesso permanentes:

As coisas se tornam transparentes quando eliminam de si toda e qualquer negatividade, quando se tornam rasa e planas, quando se encaixam sem qualquer resistência ao curso raso do capital, da comunicação e da informação. As ações se tornam transparentes quando se transformam em operacionais, quando se subordinam a um processo passível de cálculo, governo e controle (...) (Han, 2017, p. 09-10).

Han alerta para os efeitos negativos desse regime de transparência, argumentando que ele gera uma pressão constante pela *performance* e pela auto exibição afirmativa, levando ao esgotamento e à solidão. Quando olhamos para o teor central das exposições na atualidade, qual seja uma perspectiva exageradamente positiva sobre a vida íntima, podemos compreender por que o relato de vulnerabilidades em “A Casa dos Velhos” chamou tanto a atenção do público leitor. É interessante notar que, caso os idosos soubessem da exposição, provavelmente fariam relatos otimistas de si, resguardando a parte vulnerável e triste de suas vivências. Han ainda destaca que relatos apenas positivos de si se inserem em um contexto de busca incessante por visibilidade e validação social, que pode levar à superficialidade das relações humanas e à perda da individualidade. O autor também disserta sobre o perigo da manipulação e do controle exercidos por meio da transparência, especialmente quando se considera a coleta massiva de dados pessoais pelas grandes empresas de tecnologia:

O ritual é uma ação a partir de formas de expressão externalizadas, que têm um efeito desindividualizador, despersonalizador e despsicologizador. Os que dele participam são expressivos, sem, no entanto, colocar a si mesmos sob holofotes ou ter de se desnudar. Mas a sociedade da intimidade é uma

sociedade psicologizada, desritualizada; uma sociedade da confissão, do desnudamento e da falta pornográfica de distância (Han, 2017, p. 83).

Os idosos da crônica-reportagem de Brum parecem se inserir em um lugar que vivencia a transição de uma sociedade cuja individualidade é retida ao privado para uma sociedade em que a individualidade deve ser exposta, todavia, de forma maquiada. Desse modo, não desconfiaram que seu relato íntimo seria alvo de exposição por desconhecerem o interesse que o momento atual teria por suas vivências, todavia, ao mesmo tempo, sentem que, se tivessem ideia da exposição, mascarariam suas dores, do mesmo modo que a chamada *sociedade da intimidade* de Han faz ao expor sua vida privada nas redes sociais.

Também a crônica-reportagem “Um país chamado Brasilândia” se insere no contexto destacado por Han. Nesse texto, acessamos os detalhes da vida de algumas pessoas que moram em um lugar com mais de 250 mil habitantes na zona norte de São Paulo. O local é encoberto pela violência, que torna seus moradores, de tempos em tempos, em “estrelas pop”, dado que vários filmes e seriados usam suas ruas empobrecidas como locação. Toda a vida coletiva na Brasilândia se dá na rua, uma manifestação onde o espaço público inclui o interior das casas com as portas sempre abertas: “não é falta de educação ir entrando sem bater” (Brum, 2017, p. 247). Na Brasilândia, as pessoas sempre mostram o lado bom da vida, os problemas não interessam a ninguém e há um esforço para fugir da parte da realidade alimentada por anos de narrativas sobre as mazelas: “Onde começa a favela? E a pessoa me apontava uns cem metros à frente. Eu caminhava até lá e perguntava ao morador diante da casa. Aqui é a favela? Nunca era. A favela ficava – sempre – cem metros adiante” (Brum, 2017, p. 260).

A citação traz à tona uma reflexão sobre a dinâmica da representação dos espaços marginalizados, especificamente no contexto das comunidades. A crônica-reportagem revela a complexidade inerente à definição e delimitação geográfica desses locais, evidenciando a fluidez e a falta de fronteiras precisas que muitas vezes desafiam as tentativas de mapeamento convencional. Ao destacar a dificuldade em identificar o início ou os limites das favelas, a autora desvela uma realidade em que a própria noção de favela transcende as definições cartográficas, englobando aspectos socioeconômicos, culturais e históricos. Essa ambiguidade geográfica reflete não apenas uma ausência de delimitações físicas claras, mas também uma multiplicidade de significados e experiências associadas a esses espaços urbanos. Além disso, a citação sugere

uma preocupação subjacente com a representação das comunidades na esfera pública, destacando a necessidade percebida pelos moradores de preservar uma imagem positiva de seus bairros, ninguém mora na favela, a favela é sempre mais “para lá”. Ainda, ênfase da população na propagação “boas notícias” enquanto a jornalista está no local ressalta a resistência das comunidades marginalizadas em contrapor-se à estigmatização e à narrativa de criminalização e precariedade que por muito tempo vigorou.

Dessa forma, o texto de Brum instiga uma reflexão mais ampla sobre as complexidades da geografia urbana e as lutas cotidianas das comunidades marginalizadas por reconhecimento, dignidade e representação justa em meio a um contexto social e midiático frequentemente permeado por estereótipos e preconceitos, todavia, o retrato mais recente da mídia revelando uma face apenas positiva da comunidade fez com que essa faceta se tornasse obrigatoriamente o rosto mostrado pelos moradores locais aos visitantes.

Conforme Han, “há uma homogeneização dos comportamentos pela necessidade de transparência, já que as coisas se despojam de sua singularidade” (Han, 2017, p. 12). A necessidade de transparência, como destaca o autor, leva à perda da singularidade das coisas, resultando em uma padronização de experiências e comportamentos. Essa análise de Han pode ser conectada ao contexto descrito na comunidade, onde a cronista-repórter observa esse comportamento homogêneo de busca pela felicidade aparente, refletida em festas, casamentos e em uma organização social que tende a postergar ou omitir as más notícias. Nesse sentido, os moradores da comunidade se veem compelidos a adotar uma narrativa de positividade e otimismo, mesmo em face das dificuldades e desafios que enfrentam em seu cotidiano. E esse posicionamento se estabelece ao mesmo tempo como contrapartida aos relatos feitos por uma mídia que está interessada apenas no cotidiano violento dessas localidades e como tentativa de perpetrar os relatos midiáticos mais recentes.

Essa dinâmica de conformidade com uma expectativa de felicidade e prosperidade, apesar das adversidades, evidencia como a pressão por transparência e a uniformização dos comportamentos podem influenciar as interações sociais e moldar as experiências individuais. A busca por uma imagem idealizada e homogênea, em detrimento da expressão autêntica e da diversidade emocional, reflete a complexidade das dinâmicas sociais contemporâneas e os desafios enfrentados pelas comunidades em meio a uma cultura da exposição constante. O que se observa nesta leitura (conforme o olhar de Brum) é que há uma busca por uma realidade ideal,

diante do caos em que vivem diariamente: “A vida de cada um só faz sentido se for compartilhada com a do vizinho” e “Essa é uma regra explícita de convivência na periferia: o que cada um faz para ganhar a vida é tema particular. Todo o resto é assunto público” (Brum, 2017, p. 250).

Paula Sibilia, ainda em *O show do eu: a intimidade como espetáculo*, argumenta que, na sociedade atual, a intimidade se tornou uma forma de entretenimento, um espetáculo em que os indivíduos se apresentam constantemente ao público por meio das redes sociais, blogs, vlogs e outras plataformas digitais. A autora discute como essa exposição excessiva da vida privada pode levar à espetacularização do eu, onde a busca por atenção e validação social muitas vezes se sobrepõe à autenticidade e à genuinidade das experiências humanas. Sibilia também examina as consequências psicológicas e sociais desse fenômeno, destacando questões como a perda de privacidade, a superficialidade das relações interpessoais e a pressão pela performance constante:

A visibilidade e a conexão sem pausa constituem dois vetores fundamentais para os modos de ser e estar no mundo mais sintonizados com os ritmos, os prazeres e as exigências da atualidade, pautando as formas de nos relacionarmos conosco, com os outros e com o mundo. [...] tanto as paredes como os pudores que costumavam proteger a intimidade em boa parte desses espaços – outrora considerados pessoais – sofreram a infiltração das ubíquas redes, que logo permitiriam a circulação de um fluxo crescente de presenças virtuais e olhares reais. (Sibilia, 2016, p. 21-23)

Sibilia sublinha ainda que, em um contexto marcado pela pressão pela visibilidade e pela construção de uma imagem pública idealizada, a intimidade se tornou uma mercadoria a ser exibida e consumida: “Por toda parte, então, os usuários, leitores e espectadores são convocados a participar, compartilhar, opinar e se exibir de um modo considerado ‘proativo’” (Sibilia, 2016, p. 24). Segundo a autora, a cultura da exposição constante afeta não apenas as relações interpessoais, mas também a percepção de si mesmo e a construção da identidade pessoal uma vez que as narrativas autobiográficas se tornaram uma forma de autoafirmação e de busca por uma identidade coerente e significativa em um mundo cada vez mais fragmentado e volátil. Assim, o conceito de *espetáculo da intimidade* pode ser aplicado à dinâmica social presente em “Um país chamado Brasilândia”. Como mencionado anteriormente, o local se tornou popular após ser parte de um seriado da Globo. Antes, “a vila era vista como feia, suja e malvada”, mas após a exposição “virou pop” (Brum, 2017, p. 245), de modo que “algumas favelas viraram também atração turística,

mas esse cartão postal para gringo ver, falsamente domado, é enganoso” (Brum, 2017, p. 246). Nesse sentido, “Um país chamado Brasilândia” pode ser relacionada aos conceitos discutidos por Han (2014) e Sibilia (2016) sobre a busca pela transparência e a transformação da intimidade em espetáculo na sociedade contemporânea na medida em que a crônica-reportagem descreve a vida de uma comunidade marginalizada na qual os moradores buscam criar relatos unilaterais a respeito de si.

A partir da análise de Han, podemos observar como a comunidade de Brasilândia, t apresentada pela escrita de Brum, lida com a pressão social pela exposição constante e pela conformidade com uma narrativa de positividade. Segundo a perspectiva de Brum, os moradores, mesmo em meio às dificuldades e adversidades, são incentivados a manter uma imagem idealizada de suas vidas, ocultando muitas vezes as dificuldades enfrentadas no cotidiano, todavia, estão apartados do resto de São Paulo:

Ao viver na Brasilândia como estrangeira, essa é a vertigem que me assalta com sua ilusão de ótica. Estou tão perto, logo ali. E já nas primeiras horas me sinto, como todos, apartada. É uma sensação real de exílio que se expressa no modo como se referem a uma cidade inacessível, mas que ao menos nos mapas oficiais é a mesma. (Brum, 2017, p. 246)

Entretanto, a busca pela “literatura da vida real” e a maestria de “escutadeira” fazem com que Eliane Brum consiga captar momentos de delicadeza e sinceridade, pelo que relata: “Às vésperas do casamento da filha, Célia chora. O marido perdeu o emprego, se tornou um bêbado, ‘quase um mendigo’. Ela é manicure, vende lingerie, cremes e remédios naturais. ‘Sou cambalacheira’, esclarece. Não consegue mandar o marido embora. Porque o ama” (Brum, 2017, p. 255). Apesar de os moradores tentarem criar para si um universo de utopia, Eliane capta o paradoxo da vida cotidiana, em meio a festas de casamento, duas realidades se encontram: “Foi com solenidade que Luiz e Adriana fizeram o convite para que eu a substituísse como madrinha. Eu aceitei de pronto, bem feliz até. Mas em seguida me passou pela cabeça uma sequência de dúvidas (e de bobagens): meu par, o padrinho, era o gerente da boca.” (Brum, 2017, 262). Sob esse aspecto, o diálogo com o conceito de Sibilia se reforça, uma vez que há uma tentativa de fazer parecer que a vida procede de forma perfeita, quando, na verdade, a violência passa pela porta diariamente e esse contato direto com o “gerente da boca” garante ligações perigosas que, ao mesmo tempo, permitem a sobrevivência na Brasilândia. Assim, a ideia de Sibilia sobre o

espetáculo da intimidade aparece na dinâmica social apresentada na crônica, dado que os moradores são constantemente envolvidos em uma cultura de compartilhamento e exposição. Isso pode gerar uma tensão entre a necessidade de preservar a própria intimidade e a pressão social para participar ativamente do espetáculo de suas próprias experiências. Nesse cenário em que as pessoas tentam controlar o que a jornalista percebe, é a maestria da cronista de olhar ao “rés-do-chão” que faz prevalecer um relato que comporta as dualidades inerentes à vida em qualquer espaço da sociedade, portanto, presentes também na Brasilândia, tantas vezes reduzida a relatos unilaterais e estáticos.³

Os moradores se esforçam para mostrar a realidade mais bonita. Quando a cronista-repórter fala em primeira pessoa, pergunta: “O que era eu? Alguém que aprendia o que Dona Eugenia e Tuca souberam desde sempre: que para quem vive não é simples determinar seu lugar no mundo” (Brum, 2017, p. 263). Em certa medida, determinar esse lugar significa criar narrativas sobre si mesmo, diluindo as fronteiras entre ficção e realidade. Determinar seu lugar no mundo, na atualidade descrita por Sibilia e por Han, está intimamente relacionado à ideia de performance, por isso, observar se torna imprescindível no processo de captar algo mais próximo da essência dessas pessoas, algo que subjaz à performance:

Quando a pessoa fala, ela fala também com seu corpo, fala com seu olhar, fala com seus gestos, fala com um monte de coisas. A realidade é complexa. E quando ela para de falar, ela não parou de dizer. Ela continua dizendo com o seu silêncio. Ela continua dizendo quando hesita. Ela continua dizendo quando ela gagueja. Ela continua dizendo quando ela não consegue falar (Brum, 2017, p. 310-311).

Brum caminhou por muitos tipos de lugares no Brasil, desvelando histórias que ela coletou e escreveu. Ela nos lembra do caminhar de Francesco Careri, quando reflete que “o caminhar, mesmo não sendo a construção física de um espaço, implica uma transformação do lugar e dos seus significados” (Careri, 2013, p. 51). É uma experiência, uma exploração urbana. A prática do caminhar adotada por Brum configura-se como uma experiência de exploração, permitindo uma

³ Nesse caso, é possível afirmar que a Brasilândia é vítima de certo “orientalismo”, no sentido de Edward Said, dado que os relatos midiáticos sobre o local reforçam estereótipos, preconceitos e hierarquias de poder, perpetuando uma visão exótica, homogeneizadora e muitas vezes negativa da cultura e das vidas locais. Tais relatos refletem a dominação política e econômica e propagam a falsa ideia de uma superioridade cultural de uma elite urbana sobre a chamada periferia.

imersão profunda nos espaços por ela percorridos, reflete uma experiência de não apenas percorrer distâncias físicas, mas também interagir com o ambiente, reinterpretando seus significados e transformando sua natureza. Cada passo dado, cada interação, contribui para a evolução e a construção simbólica dos lugares frequentados. Em Brasilândia, por exemplo, os ambientes são meticulosamente investigados dentro de seu contexto urbano marcado pela presença predominante de estruturas de concreto:

E o concreto aqui é tanto um conceito, como o material de construção usado nessa arquitetura cinzenta e quase sem árvores [...] são cada vez mais assíduas as incursões culturais a periferia. Algumas favelas viraram também atração turística, mas esse cartão-postal para gringo ver, falsamente domando, é enganoso. O que passa na periferia é tão distante do Brasil do centro que parece outra geografia, e a classe média continua a temer quem vive lá como se fosse uma horda de bárbaros disposta a descer a ladeira. Nesse sentido a Brasilândia é tão longe de São Paulo como a Amazônia. (Brum, 2017, p. 246)

Ao abordar a realidade da Brasilândia, a crônica-reportagem evidencia uma experiência peculiar em um dos bairros da periferia da cidade de São Paulo, um cenário muitas vezes negligenciado e invisibilizado, exceto por ocasiões em que é retratado nas mídias sociais, onde sua representação é distorcida e, mais recentemente, romantizada: “A ideia é viver alguns dias nesse enclave de 250 mil habitantes na zona norte de São Paulo, promovido a cenário de cinema” (Brum, 2017, p. 245). Nesse contexto, as pessoas e as ruas são frequentemente idealizadas e enaltecidas como parte de uma narrativa que busca validar a importância dos habitantes aos olhos da classe burguesa e do Estado. Entretanto, essa representação contrasta com a realidade de abandono que permeia aquele estrato social. Da mídia que destacava apenas a parte precária da Brasilândia, passamos à mídia que adota uma postura de conformidade ao ocultar as adversidades cotidianas e privilegiar apenas os aspectos positivos da vida local. De certa forma, os moradores passam a se sentir obrigados a reforçar essa imagem mais recente.

Ainda em *A Sociedade da Transparência*, Byung-Chul Han aborda a prevalência da positividade na cultura contemporânea. Na crônica de Brum, isso se revela pela vivência de uma experiência agradável, que dura uma semana. Nesse período, não ocorrem incidentes aparentes e são destacados momentos de felicidade, inclusive com a autora atuando como madrinha de casamento de um casal, ao lado de um gerente do tráfico na região. A representação aparentemente otimista contrasta com outra realidade subjacente de dificuldades e desigualdades

profundas na comunidade, que Brum deixa aparecer de modo sutil: “A vila já surgiu como um país de desterro. Há mais de sessenta anos alguma coisa aconteceu no cruzamento da Ipiranga com a Avenida São João. Seus moradores foram expulsos do centro para que a esquina antológica da música “Sampa”, de Caetano Veloso, se tornasse mais larga” (Brum, 1997, p. 247), ou ainda em: “A crise do papel do homem que confronta o Ocidente assume feições próprias na periferia. Toda manhã as ruas da vila vão se enchendo de pais de família dobrados pelo desemprego, bebendo nos botecos e nas esquina” (Brum, 2017, p. 248). Esse aspecto age como crítica aos relatos estereotipados. A camada mais sutil da crônica chama a atenção para uma realidade complexa, em que violência, pobreza, alegria e abundância coexistem: “Dona Eugênia repete muitas vezes que em sua casa não falta comida e logo no café da manhã empilha fatias de queijo e presunto no meu prato. É crucial para ela mostrar que, apesar de pobre, sua casa tem fartura na mesa” (Brum, 2017, p. 248).

A crônica-reportagem de Eliane Brum mostra o retrato multifacetado de uma sociedade que a televisão esteve empenhada em tentar apresentar com uma imagem unilateral, primeiramente de violência e, recentemente, de alegria e irreverência, conforme Sibilia:

Tanto na internet como fora dela, uma característica da sociedade globalizada do século XXI é que a capacidade de criação costuma ser capturada pelos tentáculos do mercado, que atijam como nunca essas forças vitais e, ao mesmo tempo, não cessam de transformá-las em mercadorias. Assim, em certo sentido a sua potência de invenção é desativada, pois a criatividade tem se convertido no combustível de luxo do capitalismo contemporâneo: seu “protoplasma”, como diria a psicanalista brasileira Suely Rolnik. (Sibilia, 2016, p. 17).

Desse modo, Brum critica os dois lados, tanto a glamourização promovida pela mídia que converte as comunidades em “combustível de luxo” por meio de séries e filmes: “São cada vez mais assíduas as incursões culturais à periferia. Algumas favelas viraram também atração turística, mas esse cartão-postal para gringo ver, falsamente domado, é enganoso” quanto a mesma mídia que se alimenta da violência local: “Esta reportagem mostra o que sempre esteve lá, encoberto pela violência. Porque esta é também a tragédia da favela: os cadáveres são expostos, o que se oculta é a delicadeza” (Brum, 2017, p. 246). Por fim, em sua escrita, Brum vai atrás da delicadeza, da “vida ao rés-do-chão”, trazendo o melhor da crônica brasileira ao nos colocar a par do cotidiano e

nos poupar dos retratos fixos, tendenciosos e unívocos, ainda que os próprios retratados busquem perpetrá-los.

Considerações finais

Em síntese, a análise da obra *O Olho da Rua* de Eliane Brum revela uma narrativa multifacetada, composta por crônicas-reportagem e ensaios originados que abrangem diversos contextos do Brasil, desde as grandes metrópoles até regiões mais remotas. A obra se destaca pela qualidade do texto, que oferece ao leitor uma representação vívida das complexas camadas que formam a realidade, calcando a autora como uma cronista de ponta. Entre os temas explorados estão: a missão das mulheres na transmissão oral de conhecimento, o paradoxo da vida aparentemente bonita e a realidade adversa, bem como a espetacularização da vida privada. Em “A casa dos velhos”, um dos aspectos mais marcantes é a reflexão sobre a intimidade e a exposição da vida privada na era da sociedade do espetáculo. Ao narrar as histórias dos idosos, Brum expõe suas vulnerabilidades e fragilidades, gerando um debate sobre os limites da ética jornalística e os direitos à privacidade individual. A autora se questiona sobre o papel do jornalista em retratar a realidade de pessoas em situação de vulnerabilidade, ponderando entre a responsabilidade social de denunciar as mazelas da sociedade e o respeito à intimidade dos indivíduos.

Ao considerar “Um país chamado Brasilândia” ao lado das reflexões de autores como Han e Sibilía, é possível vislumbrar uma complexa teia de relações entre as narrativas da vida cotidiana, a transparência na sociedade contemporânea e os desafios enfrentados pelas comunidades marginalizadas. A Brasilândia emerge como um microcosmo onde se entrelaçam diversas facetas da existência humana, desde a busca por uma imagem positiva nas redes sociais até a luta pela sobrevivência em meio à negligência do Estado e da sociedade. Han e Sibilía nos alertam para os perigos da superficialidade e da exposição excessiva na era da transparência, enquanto Antonio Candido e Walter Benjamin nos convidam a mergulhar nas profundezas das experiências humanas, reconhecendo nelas a essência da vida e da resistência. Assim, ao analisar criticamente essas obras em conjunto, somos confrontados com a urgência de pensar nossas concepções de transparência, intimidade e solidariedade, e de buscar novas formas de compreender nossa

realidade social tendo a literatura como suporte. A crônica se revela como ferramenta de resistência aos discursos homogeneizadores e que elaboram ideias falsas a respeito das pessoas e de suas vidas. Mesmo quando o próprio sujeito está imerso na sociedade do espetáculo e busca criar uma imagem perfeita de si, o cronista, com seu olhar para o “rés-do-chão” nos traz de volta à vida comezinha, lembrando a matéria de que todos somos feitos: complexos, paradoxais, humanos.

CRedit
Reconhecimentos:
Financiamento: Não é aplicável.
Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
Aprovação ética:
Contribuições dos autores: SANTOS, Luzenira Alves dos Conceitualização, Metodologia, Administração do projeto, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição. MARCHIORO, Camila. Conceitualização, Investigação, Metodologia, Supervisão, Validação, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição.

Referências

- ARRIGUCCI Jr., Davi. Fragmentos sobre a Crônica. In: ARRIGUCCI Jr., Davi. Enigma e comentário. São Paulo: Cia. das Letras, 2001, p. 51-66.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 114-119.
- BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, Arte e Política. (Obras Escolhidas; v. I). São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BRUM, Eliane. A vida que ninguém vê. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.
- BRUM, Eliane. Meus desacontecimentos – a história da minha vida com as palavras. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2017.
- BRUM, Eliane. O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2017
- CÂNDIDO, Antônio. A vida ao rés do chão. In: Para gostar de ler: crônicas. V. 5. São Paulo: Ática, 2003, p. 89-99.



CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade. Ouro sobre azul*. Rio de Janeiro, 2006.

CARERI, Fransesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2013.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade da transparência*. Petrópolis: Vozes, 2017

MIRANDA, Helena Simões. *Um estudo de crônicas-reportagens de Eliane Brum sob uma perspectiva da análise do discurso*. 2021. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.